

SEXISMO E EDUCAÇÃO: PRODUÇÃO TEÓRICA*

Bianca Bueno do Nascimento

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA
Universidade Federal do Maranhão
biancabueno.ef@gmail.com

Rosiane Silveria Rodrigues Veloso Amorim

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMA
Universidade Federal do Maranhão
rosiprofissional@hotmail.com

Diomar das Graças Motta

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF
Universidade Federal do Maranhão
diomarmotta27@gmail.com

Resumo

O sexismo se expressa em toda atitude de preconceito e discriminação fundamentada no sexo das pessoas, atingindo homens e mulheres através da distinção de papéis e condutas sociais. O objetivo deste estudo é apresentar as reflexões encontradas nos estudos que pertencem à categoria “Sexismo e Educação”. Dois estudos preencheram esse critério e foram aqui analisados. Um deles discute o sexismo nos livros didáticos e o outro discute o sexismo nos manuais de Educação Física. Nossas conclusões iniciais caminham no sentido de perceber o sexismo como presente no âmbito educacional, mas também na percepção de uma lacuna de outros estudos, que foquem diretamente nesta perspectiva, pois a maioria ocupa-se em detalhar as implicações e consequências do sexismo (que é percebida na violência e na desigualdade de gênero), mas não se ocupam em conceituar e explicar o sexismo em si ou em estratégias para superá-lo.

Palavras-Chave: Sexismo. Educação. Relações de Gênero.

1. Introdução

Os estudos de Kerner (2012, p.45) apontam que a palavra alemã *sexismus* tem origem no inglês norte- americano. O termo de origem *sexism* foi, por sua vez, criado por analogia ao termo *racism* na segunda metade dos anos 1960. Para Formiga (2011) o sexismo se trata do preconceito em relação às mulheres. Araújo (2006) busca no seu texto fazer uma diferenciação entre os termos gênero e sexismo. O termo gênero seria a construção social do que é ser feminino ou masculino, já o sexismo seria a discriminação baseada no sexo de cada pessoa. De acordo com Madureira (2007) o sexismo corresponde a uma separação exclusiva (dualista) entre os gêneros masculino e feminino, o estabelecimento de relações de poder desiguais e à associação de significados pejorativos em relação a um dos gêneros.

A diferença entre machismo e sexismo é que o machismo é o preconceito e a discriminação contra mulheres. O sexismo atua de forma horizontal, atingindo não só as mulheres, mas também os homens. Assim, a lógica sexista agride homens e mulheres, pois ao separar elementos, condutas,

*Pesquisa realizada durante curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão.

responsabilidades e tarefas por sexo através do processo de socialização, também limita a vida de todos os que optam por não seguir o que seria esperado para seu sexo.

Este artigo é um recorte de um estudo maior realizado com o objetivo de conhecer a produção acadêmica que vem sendo desenvolvida com a temática “sexismo”. Para um estudo maior, em nível de mestrado, foi realizado uma pesquisa do tipo estado da arte sobre o tema. De acordo com Romanowski e Ens (2006) a realização de estados da arte possibilita a efetivação de balanço da pesquisa de uma determinada área e pode significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento. Isso ocorre porque ainda, de acordo com as autoras Romanowski e Ens (2006) este tipo de pesquisa não se limita a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas sobre o fenômeno de interesse.

Para tal, a fonte de dados utilizada para captação dos estudos sobre sexismo foi o Portal de Periódicos Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Esse Portal trata-se de uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza às instituições de ensino e pesquisa no Brasil, como o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 38 mil títulos, com texto completo, 123 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

O descritor para buscas no Portal de Periódicos Capes foi “sexismo”. No dia 22 de março de 2016 nossa primeira busca pelo descritor obteve 304 resultados. Destes, aplicamos o filtro de idioma selecionando apenas estudos em língua portuguesa. Desta vez o resultado foi de 48 estudos. O próximo passo foi realizar nova seleção, excluindo todos aqueles estudos que apenas citassem o sexismo, mas que não fosse este o seu objeto de estudos. Restaram 19 estudos que atenderam a todos os critérios: idioma português e tratar do tema sexismo como foco principal. A data de publicação dos estudos esteve entre o período de 1994 a 2015.

A próxima etapa buscou categorizar os 19 estudos obtidos para uma visão geral de suas linhas temáticas. Dessa forma foi possível elencar categorias para agrupar estudos semelhantes entre si. Foram elas: Sexismo e o Movimento Feminista, Sexismo Ambivalente, Sexismo e Mídia, Sexismo e Educação, Sexismo e Raça, Sexismo e Mercado de Trabalho e Sexismo e Família.

A categoria que nos interessa para análise nesse momento é a categoria “Sexismo e Educação”. Nesta foi possível encontrar apenas dois estudos, um que debatia o sexismo nos livros didáticos (ROSEMBERG, MOURA e SILVA, 2009) e outro que falava sobre a relação entre a



Educação Física e a mulher (GLEYSE e SOARES, 2008). Ambos os estudos se tratavam de estados da arte sobre o tema. O objetivo deste artigo é apresentar as reflexões encontradas nestes estudos, que abordam a categoria “sexismo e educação”.

2. Revisão de Literatura

Estudos que busquem problematizar o sexismo estão cada vez mais populares devido ao crescimento do movimento feminista, que a cada dia ganha adeptas e adeptos de todos os segmentos e que se juntam a luta pela igualdade de gênero. Todavia, ainda são recebidos como sendo de menor importância por todos aqueles que não percebem a desigualdade de gênero como um problema social crônico.

Para Bandeira (2009, p.429) “Ser homem ou ser mulher, muito mais do que uma determinação biológica, é uma questão ligada a modelos culturais impostos e idealizados por um grupo social dominante”. Para Formiga (2011) o sexismo se trata do preconceito em relação às mulheres, e para que ele possa ser combatido é preciso que primeiramente seja percebido e reconhecido. Por essa razão, o autor desenvolve seus estudos sobre sexismo a partir dos estudos de Glick e Fiske (1996) onde estes apontaram a existência do sexismo ambivalente. Essa ambivalência do sexismo diz respeito a uma dupla postura que este assume na vida das pessoas: a forma benéfica e a forma hostil. O sexismo hostil é uma expressão explícita de preconceito contra as mulheres, já o sexismo benéfico seria toda atitude onde os homens se posicionam como protetores das indefesas e frágeis mulheres.

O sexismo ambivalente é compreendido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. As formas de sexismo são ambivalentes, não somente porque são indiretas, mas também, por acarretar emoções negativas e positivas, as quais de dupla valência afetivas, principalmente, quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional, as quais se apresentam como sexismo hostil e sexismo benévolo. (FORMIGA, 2011, p.193)

A violência de gênero é a implicação mais grave do sexismo. De acordo com Ramos et al (2013, p.333) tal tipo de violência tem origem nos modelos de masculinidades e feminilidades impostos culturalmente. Esses modelos seguem padrões sexistas que criam estereótipos e crenças do que é ser homem ou mulher. “Portanto, no nosso entender, as atuações preventivas devem centrar-se nos ditos sistemas de crenças presentes em crianças, adolescentes e jovens, com a intenção de neutralizar os possíveis enviesamentos sexistas que podem ter sido internalizados” No entanto, para que programas de intervenção possam ser criados pelos especialistas que se dedicam a este tema, é preciso que o sexismo seja percebido e reconhecido através de técnicas de pesquisa que

o desvelem. Por essa razão, todos os estudos relacionados ao tema tem sua importância justificada por atender a uma demanda social importante e urgente.

3. Resultados e Discussões

Rosemberg, Moura e Silva (2009) elaboraram um estudo do tipo Estado da Arte sobre o sexismo presente nos livros didáticos (LD) no cenário internacional e brasileiro. O foco deste estudo foi discutir as vicissitudes na construção e implementação da agenda acadêmica e política de combate ao sexismo nos LD.

Como ocorreu em vários países, no Brasil, a década de 1970 marcou a mudança de paradigma na compreensão das desigualdades sociais entre homens e mulheres, destacando-se a educação na construção dessas desigualdades e, em decorrência, a emergência da palavra de ordem de combate à educação diferenciada para meninos e meninas. (ROSEMBERG, MOURA E SILVA 2009, p.501).

Os LD expressam o conhecimento que deve ser trabalhado pelos professores com seus alunos. Em decorrência do tempo no qual estão inseridos, certas representações sociais podem ser despercebidas e assumir a postura de papéis sociais que homens e mulheres devem assumir. A preocupação com o conteúdo dos LD não é nova, aliás, é bastante antiga, pois os LD carregam a ideologia educacional e social vigente, logo, seus conteúdos permanecem em constante território de disputa. A intenção de Rosemberg, Moura e Silva (2009, p.491) em estudar o sexismo nos LD atende a uma lacuna dessa área do conhecimento, pois como mencionam os próprios autores “o tema estereótipos sexuais não adentrou a grande área de pesquisa sobre LD, da mesma forma que a área de estudos sobre LD pouca entrada tem tido na produção acadêmica sobre estereótipos sexuais”.

A persistência de padrões sexistas nos LD compõe os resultados encontrados na pesquisa de Rosemberg, Moura e Silva (2009). Todavia, os autores salientam a preocupação do governo federal brasileiro de nos últimos anos ter proposto medidas e ações que incentivam a introdução dos temas sobre discriminações de gênero na educação e nos LD. São elas: O protocolo de colaboração para o combate à discriminação contra as mulheres na educação (1996), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a inclusão na avaliação do LD do quesito que avalia as inúmeras formas de preconceito existentes (1996) e o Plano Nacional da Educação (2001) que previa a eliminação de textos discriminatórios ou que reproduzam estereótipos acerca do papel da mulher, do negro e do índio.

Gleyse e Soares (2008) realizam uma revisão da literatura no que concerne a relação entre a Educação Física e a mulher. Os autores explicam que a relação entre esporte e mulher já vem sendo



amplamente discutida por pesquisadores de vários países, mas que a produção específica de temas que relacionam a Educação Física e as mulheres ainda é pouca. É importante fazer essa diferenciação para frisar a diferença entre esporte e Educação Física, já que essa última é um conjunto que agrega não só o esporte em si, mas também todas as outras formas de expressão humana pelo movimento, tais como a dança, os ritmos, os jogos, a ginástica, o desenvolvimento motor e a fisiologia humana. O estudo de Gleyse e Soares (2008) situa-se, portanto, como um dos primeiros estudos panorâmicos sobre o tema. Ele aborda três domínios discursivos orientados em direção ao mesmo objeto: os manuais de higiene, os manuais de moral e, finalmente, os manuais e textos oficiais no domínio da Educação Física e do Esporte.

O objetivo deste estudo foi responder a pergunta “Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas?” Para isso foram estudados os documentos destinados ao universo escolar, ao ensino primário superior ou secundário, que tratavam do problema da ginástica e/ou da Educação Física para apurar se existia diferença ou não nos discursos direcionados para homens e mulheres nesses manuais. De acordo com Goellner (1992), o Método Francês influenciou muito a forma como a Educação Física se estabeleceu e se desenvolveu no Brasil. Tal método se direcionava para o aprimoramento da saúde, o fortalecimento da raça, a consolidação de certas disciplinas e a manutenção da ordem. Era um método próprio para a formação do soldado combatente e do trabalhador produtivo e foi aproveitado na Educação Física brasileira, em uma época onde esta se fundamentava em um viés mais higienista do que educacional. Os homens e as mulheres eram então percebidos unicamente pela sua dimensão biológica.

Os resultados da análise de Gleyse e Soares (2008) respondem positivamente a questão norteadora de seu estudo. Os manuais franceses não eram só sexistas, mas também serviam para ensinar as diferentes modalidades de sexismo, através do domínio específico dos exercícios físicos.

O mito da mulher fraca presente em todos os textos, de um modo visível ou não, é assim apreendido pelos alunos. Nessa mesma ótica, o mito de uma mulher voltada à estética e à doçura está permanentemente superexposto neles, salvo talvez naqueles últimos que vão do quinto ao último ano da educação básica. Todavia, ao falar a favor das turmas mistas nesses últimos programas, exceto quando se afirma que estas são nocivas à aprendizagem, poderíamos perguntar-nos se essa não seria uma maneira disfarçada de “segregação positiva das moças”. Essa segregação poderia, finalmente, tornar-se, em certos domínios, uma estigmatização feminina. (GLEYSE e SOARES, 2008, p.153)

A Educação Física ao trazer para si os conceitos destes manuais, também replicou os sexismos presentes neles e fomentou a construção da desigualdade de gênero na escola. Seria confortável afirmar que hoje tais manuais não operam mais na lógica docente, mas o que se observa

na realidade da Educação Física, assim como nas demais disciplinas curriculares, é um apego ao tradicional e uma recusa aos novos métodos não sexistas. As causas para tal fenômeno são inúmeras.

4. Conclusão

O sexismo ainda é um problema social crônico. As pessoas são segregadas em papéis sociais distintos de acordo com seu sexo e tem seu potencial humano e de desenvolvimento limitado por isso. A socialização para papéis distintos entre homens e mulheres é uma realidade que permeia toda a sociedade. Logo, ainda que os livros didáticos ofereçam um material livre de sexismos e outras formas de preconceito, isso não significa que o setor educacional estará livre de tal problemática, pois mesmo que a escola trabalhe no sentido de fomentar o respeito à igualdade entre todos e de inúmeras formas, ainda assim ela é uma instituição que está inserida no corpus da sociedade, e como tal, sujeita as suas inclinações discriminatórias. O que vai ser decisivo para a mudança da realidade sexista é a forma como a comunidade escolar se relaciona com este problema. A postura precisa ser no sentido de desnaturalizar os estereótipos de gênero e problematizá-los sempre. Para tal, é preciso o esforço para uma produção teórica mais ampla que preencha as lacunas e passe de pesquisas que apenas denunciem, para pesquisas que tragam e apontem caminhos e soluções.

Referências

- ARAÚJO, D; **As palavras e seus efeitos: o sexismo na publicidade**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 2006.
- BANDEIRA, L; Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. **Sociedade e Estado**. Brasília. V.24. Nº2. P.401 – 438, maio/ago. de 2009.
- FORMIGA, N. S; Inventário do sexismo ambivalente em brasileiros: sua acurácia estrutural. **Salud e Sociedad**. V.2. Nº2. P. 192 – 201. Maio – Agosto de 2011.
- GLEYSE, J; SOARES, C. L; **Os manuais escolares franceses de Educação Física, de Higiene e de Moral seriam sexistas?** (1880 – 2004). Educ. Soc., Campinas, V.29, Nº102. P.137 – 152, Jan.- Abr. 2008.
- GLICK, P., & FISKE, S. T. The Ambivalence toward Men Inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. **Psychology of Women Quarterly**, 23, 519-536. doi:10.1111/j.1471-6402.1999.tb00379.x. 1999.
- GOELLNER, S. V; **O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola**. 1992. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1322>. Acesso em: 15. Mar. 2016.
- KERNER, I; Tudo é interseccional?: Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 93, p. 45-58, 2012.
- MADUREIRA, A. F. A; **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1610>> Acesso em: 10. Agosto.2015. 19h.
- RAMOS, A. O; GIGER, J. C; GOMES, A; SANTOS, J; GONÇALVES, G; Escala de cavalheirismo paternalista: Estrutura fatorial e correlatos com o sexismo ambivalente. **Avaliação Psicológica**. 12 (3). P.333 – 340. 2013.
- ROMANOWSKI, J. P; ENS, R. T; As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.
- ROSEMBERG, F; MOURA, N. C; SILVA, P. V. B; Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**. V.39. Nº 137. P.489 – 519, Mai – Ago, 2009.